

# Formação competitiva na Ginástica Rítmica: a experiência da participação na infância

<https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.2023e37nesp215796>

Lorena Nabanete dos Reis-Furtado\*  
Michele Viviene Carbinatto\*\*

\*Instituto de Educação Física e Esportes, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.

\*\*Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

## Resumo

A competição esportiva é inerente ao esporte e, portanto, deve fazer parte do processo de desenvolvimento esportivo, quer seja com foco para a formação do atleta em longo prazo, quer seja para a vida ativa. Logo, a inserção ao ambiente competitivo deve elencar a centralidade no praticante, instigando a progressão de aprendizagem individual e do grupo, a motivação e experiências diversas (e adversas) do esporte. Neste sentido, este artigo discute a formação competitiva na ginástica rítmica, com recorte sobre os eventos na infância. A triangulação de dados entre pesquisa documental, entrevista semiestruturada com 11 treinadoras e 03 gestoras e observação não-participante balizou a Análise de Conteúdo que revelou os ajustes nos eventos de base na GR: imaginário infantil como estratégia para escolha de músicas e/ou figurinos; decoração do ambiente aconchegante; uso do espaço de apresentação ampliando a demonstração síncrona de ginastas; grau de dificuldade de exercícios diferenciados para grupo de idade; arbitragem com postura despretensiosa e flexibilidade na ordem de apresentação a depender do comportamento de cada criança. Os bastidores sugeriam um brincar livre entre ginastas e equipes, proporcionando ambiente acolhedor, propício para experiência positiva incentivadora da permanência na prática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esporte; Competição; Pedagogia do Esporte; Pesquisa qualitativa.

## Introdução

A formação esportiva é compreendida como um processo contínuo e longitudinal, que envolve o período que vai desde a iniciação até a aposentadoria de um atleta e, dessa forma, é considerada como uma formação em longo prazo<sup>1,2,3</sup>. A maneira como esse processo acontece ao longo da vida, pode influenciar a relação que se estabelece entre o indivíduo adulto e o fenômeno esportivo em si, atribuindo para a fase de iniciação esportiva, principalmente na infância, uma contribuição importante para que essa relação seja saudável. Portanto, a qualidade das atividades nessa etapa deve ser permeada de cuidados tanto com os aspectos

tático-técnicos, como com os aspectos psicossociais e os relacionamentos estabelecidos no ambiente<sup>4</sup>.

Se compreendemos que a competição esportiva é inerente ao esporte<sup>5</sup>, e como tal, faz parte do processo de ensino aprendizagem do contexto esportivo, parece óbvio que o processo de formação esportiva, também deve abranger o ambiente competitivo aliado ao desenvolvimento do atleta em longo prazo, de acordo com cada estágio da carreira esportiva. Acreditamos que a Pedagogia do Esporte tem a incumbência de pensar o desenvolvimento esportivo mediante organização, sistematização, aplicação e avaliação de procedimentos pedagógicos,

inclusive dos ambientes competitivos de jovens<sup>6,7</sup>.

A competição esportiva para crianças e jovens é tema de estudos da área<sup>8</sup> e traz questionamentos sobre o envolvimento desse público nas práticas esportivas, principalmente com relação à precocidade com que são submetidas às competições e processos sistematizados de treinamento, indicando que devemos considerá-la sob o ponto de vista da criança e não sob a perspectiva do adulto<sup>9</sup>. Comumente, a competição é delineada e proposta por adultos, ficando os anseios das crianças em segundo plano e, dessa maneira, seus objetivos e princípios precisam ser revistos e refletidos<sup>10</sup>.

O que vemos, em geral, são sistemas competitivos que reproduzem o modelo adulto e, como consequência disso, grande parte dos praticantes não se enquadra nesses padrões e acaba deixando a prática por falta de interesse e motivação<sup>11</sup>. Por isso, nos indagamos: seria possível transcender o modelo tradicional de competição de ginástica e ao mesmo tempo preparar as ginastas para o futuro? Como evitar carregar a competição na infância de uma pressão desproporcional aos objetivos do desenvolvimento das crianças no esporte, se esses resultados pouco ou nada dizem sobre a futura performance dessa atleta? Destarte, a fim de entender a formação esportiva em ginástica rítmica (GR), este estudo discute a formação competitiva na modalidade, com recorte sobre os eventos de GR nos anos iniciais da prática, ou seja, na infância.

### ***Competição na Infância***

Acreditamos que para desenvolver em jovens atletas os benefícios que o esporte pode proporcionar, ele não deve reproduzir os valores do esporte adulto, como por exemplo, o foco em resultados expressivos e imediatos, o que leva a especialização precoce dos praticantes. Esses aspectos são inadequados a crianças e jovens em desenvolvimento, podendo trazer consequências negativas para a permanência na prática<sup>6,12,13,14</sup>.

É necessário, pois, dar um tratamento pedagógico para a competição esportiva na infância, que busque dar uma significação, de forma a superar o reducionismo da fundamentação de que o vencedor se sobrepõe ao vencido, de que o esporte na infância serve apenas para revelar talentos para equipes competitivas e no qual a busca por resultados deliniam o oferecimento do esporte para crianças. É preciso pensar além da formação do atleta e se ocupar do desenvolvimento pessoal, pois o ser pessoa, precede o ser atleta e, o esporte

e a competição trazem um conjunto de valores, manifestação de condutas pessoais, possibilidade de superação de limites, questões sociais e de relacionamento interpessoal que podem permitir que os praticantes levem esses aprendizados consigo para a vida<sup>10</sup>.

Estudos sobre competições para crianças e jovens em diversas modalidades, no Brasil, apontam para um cenário em que as federações esportivas, promovem eventos para idades abaixo das recomendadas pela literatura, favorecendo um quadro de especialização esportiva precoce<sup>15,16,17,18,19</sup>.

Nota-se que na ginástica artística, a idade de participação em eventos oficiais e o tempo necessário para o desenvolvimento dos ginastas para competir são apontados pelos treinadores(as) como motivos da especialização precoce na modalidade<sup>20</sup>. O que percebemos nesta modalidade em geral, é que existem, além de treinamentos que reproduzem o esporte adulto na infância, competições que trazem as mesmas características do esporte institucionalizado para a fase de iniciação esportiva<sup>21</sup>. Na ginástica rítmica, da mesma forma, notamos uma tendência a especialização precoce, na qual alguns treinadores(as) enfatizam o desempenho das ginastas menores, por meio do sistema competitivo de rendimento, sendo a idade das competições tema de discussões em eventos da área<sup>22,23</sup>.

Observamos que a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), apesar de não apresentar um modelo para a formação de atletas, estabelece para as competições oficiais de ginástica rítmica, modalidade em foco neste estudo, a divisão das idades em quatro categorias: pré-infantil (9-10 anos), infantil (11-12 anos), juvenil (13-15 anos) e adultos (a partir de 16 anos). Balizadas por essas idades e categorias, as entidades que trabalham com a modalidade, desenvolvem seus programas de formação de ginastas e organizam seus eventos.

No entanto, o início da prática das ginásticas em geral, se dá em idades ainda mais baixas do que as trazidas para as competições<sup>24,18</sup>, sendo a primeira etapa da formação esportiva, a iniciação, compreendida entre seis e oito anos. Entendemos que a ginástica rítmica, assim como outros esportes estéticos como a ginástica artística e a patinação artística, tende a ter o início da fase de especialização mais precocemente do que em outros esportes, devido às próprias características da modalidade, porém acreditamos que principalmente nos anos iniciais da prática, que antecedem o início em competições formais como as da categoria pré-

infantil (9-10 anos) da CBG, e mesmo após esse primeiro momento nas competições formais, a participação em eventos pedagogicamente preparados para atender às demandas da idade/estágio deva ser incentivada.

Isso porque, entendemos que a GR exige uma combinação de capacidades e habilidades físicas e emocionais que selecionam sobremaneira a participação no alto rendimento e consideramos que esse sistema elitista não deve ser desenvolvido na iniciação esportiva, mesmo porque todas as crianças interessadas que iniciam a prática da ginástica têm o mesmo direito de vivenciar e aprender efetivamente uma modalidade esportiva<sup>25</sup>.

Dentre os modelos de formação esportiva expostos na literatura, nesse estudo consideraremos o Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva<sup>26,13</sup>, modelo proeminente na literatura<sup>3</sup>. O MDPD fornece uma estrutura com caminhos que promovem não somente o desempenho, mas também a participação continuada, benefícios à saúde e desenvolvimento pessoal de jovens por meio do esporte<sup>27,28</sup> e tem sido utilizado como base teórica de pesquisas que tratam da competição esportiva de jovens atletas no Brasil, como o estudo de LEONARDO<sup>6</sup>, que apresenta as competições de handebol de jovens do estado de São Paulo e as características das adaptações competitivas; e o de MENDES<sup>2</sup>, que trata da trajetória esportiva de atletas de categorias de formação no voleibol Brasileiro.

Os estágios do MDPD são coerentes com as teorias gerais do desenvolvimento da criança e do adolescente e promovem tanto o desempenho esportivo como a participação continuada e o desenvolvimento pessoal para todos os envolvidos no esporte. Integram-se, nesse sentido, os vários resultados esperados - a performance, a participação e o desenvolvimento pessoal - com foco nos processos e no ambiente<sup>29</sup>. Ancorados nos conceitos de jogo deliberado e prática deliberada, marcam a transição entre os anos de experimentação, especialização e investimento - os diferentes estágios de participação esportiva do MDPD<sup>27,28</sup>.

Ademais, a teoria da Engenharia Competitiva (EC) também foi considerada. Esta é uma estrutura teórica pensada para promover mudanças sistemáticas no ambiente das competições esportivas, a fim de melhorar a experiência competitiva de jovens atletas, promovendo a motivação intrínseca. Essas mudanças se dão com relação à estrutura, regras, instalações e equipamento, buscando como prioridade um maior envolvimento, interesse e prazer pelo esporte, além de maximizar o desenvolvimento de habilidades apropriadas para a idade, contribuindo assim para

a maturação psicossocial e minimizando o abandono da prática<sup>30</sup>.

A base teórica para a Engenharia Competitiva visa à promoção da motivação intrínseca e a criação de climas motivacionais, em busca da autonomia dos sujeitos na prática esportiva. BURTON, GILLHAM e HAMMERMEISTER<sup>30</sup> citam a Teoria da Autodeterminação, que é baseada na premissa de que três necessidades fundamentais do ser humano – a competência, a autonomia e os relacionamentos – promovem a expressão de comportamentos voluntários ou autodeterminados. De acordo com essa teoria, os indivíduos são motivados por uma série de razões que vão desde a menor autonomia (amotivação) até a maior autonomia (motivação intrínseca). Quanto mais autônoma for a motivação de um atleta, maiores serão os benefícios como persistência, desempenho e bem-estar, o que pode levá-los ao sucesso por se sentirem mais competentes. Assim, a busca pela autonomia é um dos componentes do clima motivacional, que pode ser encorajado pelas lideranças adultas do esporte<sup>30</sup>.

Em paralelo, WIERSMA<sup>31</sup> reforça que o ambiente competitivo pode seguir níveis de participação. Neste, o nível 1 é caracterizado pela ausência de competições formais, pontuações, viagens e classificações, sendo que o investimento de tempo e dinheiro é mínimo. Ainda, aparelhos, regras, habilidades são modificadas em consonância com o participante. Sucessivamente, os níveis são complementados até chegar ao nível 4, com participação e eventos diversos, com significativo desprendido de tempo, compromisso e intensidade de treino voltado para o profissionalismo. É importante ressaltar que os diferentes níveis podem coexistir para atletas de mesma idade cronológica e são divididos em função da abrangência da competição, formato, custos, grau de seleção e tempo de dedicação<sup>32</sup>.

Dessa forma, nos anos iniciais de prática esportiva, ou seja, nos Anos de Experimentação<sup>27,28</sup>, é recomendada a participação em eventos que são caracterizadas pela ausência de competição formal, pontuação e classificação, proporcionando a experiência para desenvolver o entusiasmo pelo esporte; assim como também são previstas para esta fase, as competições com níveis de competição baixos, em que já exista pontuação e classificação, porém com ênfase principal no desenvolvimento de habilidades e na diversão, em vez do foco nos resultados<sup>32</sup>.

Instigadas por estas análises, recorreremos a

esta pesquisa: por meio de dados empíricos, submergidos de forma harmônica entre entrevistas com treinadoras e gestoras, análise de eventos e

observação não-participante, reflexões acerca da competição esportiva para as categorias de base na GR, mais precisamente, anos iniciais de prática.

## Método

Esta pesquisa foi caracterizada como qualitativa de cunho descritivo que consistiu na triangulação entre pesquisa documental, entrevista semiestruturada e observação não-participante<sup>33</sup>.

Intercorremos ao regulamento da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) para balizarmos nossos critérios iniciais de busca. Uma vez que a categoria inicial das competições formais da Ginástica Rítmica (GR) é de 9 anos completos no ano do evento (Pré-Infantil), realizamos o levantamento das equipes classificadas nas provas individuais e/ou de conjunto na referida categoria em Campeonatos Brasileiros, entre os anos de 2013 e 2018. Foram selecionadas equipes medalhistas em pelo menos dois, dos seis anos analisados (consistência), considerando os resultados reflexos da preparação de jovens ginastas para a participação das instituições em competições formais da modalidade, ou seja, prévio aos 9 anos, faixa etária investigada no estudo. Neste ínterim, foram considerados 05 equipes/ instituições, advindas de 03 federações brasileiras (Paraná, Santa Catarina e São Paulo).

Para a Pesquisa Documental, analisamos os regulamentos de competições ofertadas na categoria mirim (6 a 8 anos) nos estados selecionados. No total, os regulamentos de seis competições estaduais foram analisados com as seguintes bases teóricas:

- Engenharia Competitiva<sup>30</sup>: a. mudanças nas regras; b. mudanças nas instalações; c. mudanças no equipamento; escolha de nível competitivo e a avaliação dos efeitos dos ajustes para as Metas de Engajamento de Atletas: a. aumentar a ação e a pontuação; b. criar alto envolvimento pessoal; c. manter pontuações próximas; d. promover relações sociais positivas.

- Nível da competição (1 a 4) de WIERSMA<sup>31</sup>;
- Estágio de desenvolvimento - anos de experimentação, anos de experimentação, anos de investimento, anos de participação - MDPD<sup>26,27</sup>;

A avaliação de cada evento foi descrita em uma Ficha de Análise dos Regulamentos, por evento, elaborada pela primeira autora no Microsoft Excel®, com intuito de melhor organização, e posteriormente foi compilada na Ficha de Resumo

dos Eventos, para uma melhor análise geral dos regulamentos. A análise detalhada da pesquisa documental foi publicada em artigo paralelo<sup>23</sup>.

A entrevista semiestruturada foi escolhida para a construção de dados das treinadoras e gestoras. Optamos pela entrevista, pois de acordo com THOMAS, NELSON, SILVERMAN<sup>33</sup>, ela é “mais válida [do que um questionário], porque as respostas tendem a ser mais confiáveis”, além de poderem ser adaptáveis, com reformulações das perguntas para melhor esclarecimento das questões. Outro aspecto importante é a possibilidade de discernir a sensibilidade do assunto e a intensidade dos sentimentos dos entrevistados, além de ter uma taxa maior de respostas.

Foram entrevistadas 11 treinadoras das equipes selecionadas como amostra do estudo, sendo seis do Paraná, três de Santa Catarina e duas de São Paulo, com idade média de 42 anos. As equipes nas quais elas atuam são equipes que têm prioritariamente o objetivo de formar atletas para o alto rendimento, sendo que todas mantêm para a faixa etária investigada na pesquisa turmas de escolinha e turmas de rendimento.

Todas as treinadoras são formadas em Educação Física, nove treinadoras possuem especialização em Ginástica Rítmica ou áreas afins e uma é mestre na área da EF e afirmaram participar continuamente de cursos de aperfeiçoamento na modalidade e/ou de estágios de treinamento com treinadores estrangeiros. As treinadoras formaram ginastas para competição, foram ex-atletas (sendo 10 da GR) e apenas três não são árbitras da modalidade.

Por sua vez, três gestoras foram entrevistadas, uma de cada federação estadual participante da pesquisa: São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Todas do sexo feminino, com média de idade de 52 anos, com vasta experiência na modalidade, com média de 33 anos de atuação, sendo todas ex-ginastas da modalidade e árbitras. As gestoras possuem graduação e pós-graduação em Educação Física.

As entrevistas com as treinadoras tiveram em média 30 minutos de duração cada uma, obtendo a média de 10 páginas de transcrição;

já com as gestoras, as entrevistas tiveram uma média de duração de 38 minutos, resultando em uma média de 11 páginas de transcrição.

Por fim, a observação não-participante ocorreu em seis eventos cujos documentos foram analisados, a saber: Federação de Ginástica de Santa Catarina (Evento 1, 1ª e 2ª etapas, respectivamente nas cidades de Florianópolis/SC e Joinville/SC; Evento 2 em Florianópolis/SC), Federação Paulista de Ginástica (Evento 3 e 4, respectivamente em Pindamonhangaba/SP e São Bernardo do Campo/SP) e Federação Paranaense de Ginástica (Evento 5 e 6, tendo como sedes as cidades de Araucária/PR e Londrina/PR).

Para tanto, organizamos em uma Planilha do Microsoft Excel® aspectos anteriormente definidos na análise documental por ficha individual de avaliação de cada evento, bem como as impressões da pesquisadora com relação ao ambiente de competição e as relações entre os envolvidos: ginastas, treinadores, árbitros, público. As percepções foram anotadas em diário de campo.

Ressaltamos que os dados aqui expostos se referem a uma das temáticas de uma pesquisa de doutorado sobre a participação de ginastas em competições de ginástica rítmica (GR) nas categorias de base<sup>34</sup> com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de São Paulo, pelo parecer nº 1.993.995.

### *Análise dos Dados*

A análise dos regulamentos dos eventos foi realizada a partir do preenchimento da Ficha de Análise dos Regulamentos que suscitou em agrupamentos seguindo os aspectos: a. mudanças

nas regras; b. mudanças nas instalações; c. mudanças no equipamento; escolha de nível competitivo; com base nas modificações percebidas nos eventos em relação aos padrões das competições oficiais de ginástica rítmica.

Para analisar as entrevistas com gestores e treinadores utilizamos a Análise de Conteúdo<sup>35</sup>, que consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrições dos conteúdos das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitem a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção das mensagens.

As entrevistas foram transcritas na íntegra para dar início ao procedimento da Análise de Conteúdo, que compreende três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos dados e foram analisadas a fim de detectar os temas que respondessem sobre formação competitiva de ginastas. O tema é a unidade de registro que surge naturalmente do texto analisado a partir de critérios da pesquisa e “corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma)”. Dessa maneira, “fazer uma análise temática consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação<sup>35</sup>”.

A fim de conferir maior confiabilidade da análise dos dados, foi realizada a triangulação dos dados obtidos a partir da análise dos regulamentos, da análise das entrevistas e das observações. Ela requer o uso de fontes independentes de dados para sustentar a conclusão: “os pesquisadores podem, por exemplo, usar dados das entrevistas com estudantes e com professores e da observação para fundamentar o resultado”<sup>33</sup>.

## **Resultados**

A análise pormenorizada dos regulamentos, entrevistas semiestruturadas com treinadoras e gestoras e as observações não-participante elucidaram que os eventos de ginástica rítmica nas idades mais tenras têm se preocupado com componentes lúdicos presentes no imaginário infantil. Foram frequentes a característica da fantasia, no qual histórias tradicionais e/ou clássicas infantis, lendas e ambientes acolhedores - com memória afetiva a datas festivas, como os aniversários - foram recursos utilizados para a inserção

das crianças na competição.

A prerrogativa didática trouxe à tona as apresentações, ainda que de maneira individual, fosse compartilhada no mesmo momento. Neste sentido, o tapete de Ginástica Rítmica era utilizado por mais de uma criança, de forma sincrônica e com a mesma música (quando a música não era de temática livre e a escolha da ginasta). Ademais, ampliam a experiência pelo aumento da frequência de eventos disponíveis no calendário anual. Espera-

se, assim, que as chances de satisfação, sucesso e motivação se fortifiquem.

A partir das fontes dos dados, o QUADRO 1 sumariza os resultados revelados discutidos na próxima seção.

QUADRO 1 - Construção dos dados sobre competições de ginástica rítmica nos anos iniciais da prática.

Fonte	Categoria / Resultado	Exemplo
<b>Análise dos regulamentos</b>	Ajuste no equipamento (vestimenta): utilização de fantasia/ figurino temático	"A criança deverá preferencialmente competir caracterizada com o personagem de sua coreografia (fantasia)." (Regulamento Evento 3)
<b>Entrevistas com gestoras</b>	Cuidados pedagógicos com o evento	"O Evento 1 veio para permitir uma iniciação à ginástica de uma forma mais agradável para as crianças. Para que ele não tivesse uma característica pesada em termos de competição" (Gestora 3).
	Objetivos do evento: possibilitar a participação	"Então a ideia principal desse evento é colocar todas as ginastas dentro da quadra mais de uma vez no ano" (Gestora 2).
<b>Entrevistas com treinadoras</b>	Objetivos da participação no evento: motivar a permanência na prática	"Eu acho que [a participação em eventos] faz com que elas queiram o ano que vem estar participando de novo, motiva a querer mais, a querer melhorar." (Treinadora 6)
	Festivais e apresentações como possibilidade de participação sem a pressão da competição	"Quando elas participam de apresentações, principalmente no teatro, elas se sentem felizes, sem a pressão. Quando elas vão para competição elas não se sentem tão felizes assim. Elas se sentem oprimidas." (Treinadora 5).
<b>Observações não-participantes</b>	Utilização de fantasia / figurino temático: ginastas que utilizavam as fantasias demonstraram maior interação com outras participantes, bem como envolvimento com as temáticas das coreografias. A diversão e prazer pela prática também transpareceu.	E lá estavam elas, as ginastas. De um lado Moanas, Elsas, Malévolas e Mônicas rodopiavam e pareciam flutuar pelos bastidores. Seus olhos transpareciam uma leveza e alegria contagiante! Do outro, meninas de 7 anos perfiladas, apontando suas pontas de pés ao "infinito e além", sem entender muito bem o que isso significava (Diário de Campo 5).
	Ambientes de competições decorados com temáticas infantis.	Antes do início do evento, o público contou com a presença de um palhaço, que trouxe entretenimento enquanto as ginastas se preparavam para o desfile de abertura, trazendo um clima divertido para a competição (Diário de Campo 1).

## Discussão

As diferentes fontes de dados nos trouxeram importantes elementos para sua análise, quando triangulados. Convergiu para a necessidade de valorização do imaginário infantil no ambiente competitivo, minimizando a pressão intrínseca de competições formais, usualmente reprodutoras do modelo adulto. Verificamos maneiras de oportunizar experiências competitivas às crianças nas federações estaduais investigadas, ora promovendo ajustes nas regras, instalações ou equipamentos e assim, criando estratégias para ampliar a participação<sup>23</sup>.

Destacamos, neste momento, como uma

estratégia que se relaciona diretamente com o aspecto lúdico e motivacional, a possibilidade de ajuste na vestimenta das participantes: esta foi sugerida, em dois dos eventos analisados, com a utilização de fantasias/figurinos temáticos, remetendo ao incentivo à criatividade e ao trabalho artístico de interpretação do tema, bem como da expressão corporal. Essa orientação pode proporcionar um maior envolvimento das ginastas com as coreografias, já que remetem ao universo e à linguagem infantil, o que corrobora uma das metas promovidas pela Engenharia Competitiva - a de aumentar o engajamento pessoal<sup>30</sup>.

Durante as observações dessas competições, percebemos que as crianças que utilizaram as fantasias experimentaram o evento de forma diferente: tiveram maior interação entre elas, assistiam as apresentações e depois buscavam ver as fantasias de perto, questionando as colegas sobre as músicas e temas, procuravam assistir às séries das meninas que usavam roupas de seus personagens favoritos e, de uma maneira geral, divertiam-se com aquele momento.

FERRAZ<sup>36</sup>, em suas reflexões sobre a ludicidade e o esporte, apresenta o prazer e a espontaneidade como alguns dos aspectos essenciais ao jogo, que aqui transferimos para a ginástica. Para o autor, é necessário valorizar o lúdico nos processos de ensino do esporte, considerando a perspectiva dos aprendizes e compreendendo que seu significado vai além do prazer pela prática; é preciso considerar o desafio e a imaginação como componente da dimensão lúdica de uma atividade. Considerando o ambiente competitivo como parte do processo de aprendizagem do esporte, para que alcancemos suas finalidades educacionais, o mesmo deve acontecer neste contexto.

Dessa maneira, os eventos para os anos iniciais da prática devem incentivar espontaneidade e satisfação, que vão manter a motivação intrínseca das crianças e maximizar o prazer pela prática. Sobre isso, a Federação Internacional de Ginástica<sup>37</sup>, inclui em sua filosofia de trabalho com os fundamentos da ginástica, cinco princípios, chamados de “Os cinco F’s”: *Fun* (diversão), *Fitness* (condicionamento físico), *Fundamentals* (fundamentos ginásticos), *Friendship* (relações sociais) e *Forever* (para a vida). Ressaltamos o primeiro deles - a diversão, que vai ao encontro dos resultados obtidos com este estudo. Para a FIG, se os participantes não se divertem praticando a ginástica, eles provavelmente não continuarão tanto para o âmbito profissional quanto para a vida ativa por meio das ginásticas.

Apesar da inclusão do imaginário infantil por meio das fantasias, algumas equipes não optaram pela fantasia, ora com o discurso de que as praticantes anseiam pelo uso do collant, ora por entenderem aquele espaço como preparatório dos eventos mais formais e, portanto, seguindo normativas destes.

Não escancarado, os bastidores revelaram preocupação quanto ao preparo para a

apresentação. Comuns foram as cenas em que as crianças deveriam repetir movimento e sequências de aquecimento e alongamento típicos do alto rendimento esportivo. Perfilamento, diagonais, silêncio, sincronização e contagens de 8 tempos eram usuais, revelando tradicionalismos da área.

Entretanto, ao se tratar do ensino de esportes por meio de uma concepção que considera o praticante como sujeito do processo, é nosso dever refletir sobre a subcultura do ginásio enraizada na ginástica, em que vemos um modelo autocrático no qual o poder da palavra é do treinador e as ginastas cumprem o determinado<sup>38</sup>; uma prática em que o corpo é tido como máquina, funcionando perfeitamente, baseada na aquisição e desenvolvimento perfeito da técnica, por meio da reprodução de movimentos, desconsiderando ritmos individuais<sup>39</sup>; uma metodologia tradicionalista desde o início da prática em idades muito tenras, que centraliza tudo em uma só voz e promove o distanciamento entre professor e aluno, desmotivando os praticantes<sup>40</sup>. Essa é uma cultura que vem sendo criticada pela mídia, por médicos e educadores, em que a ginasta é frequentemente exemplo de práticas excessivas e abusivas<sup>41,42</sup>.

Ainda que não possamos afirmar aproximações com a especialização precoce, incomodou-nos que, apesar dos esforços em ajustar os regulamentos para um ambiente informal, ações que remetem ao rendimento foram verificadas. Por suposto, discussões acerca da formação esportiva em longo prazo são relevantes na formação dos treinadores em prol da observância dos estágios de desenvolvimento humano e do atleta, por exemplo<sup>32</sup>.

Foi unânime à gestão dos eventos focar na massificação da prática e ampliação da experiência gímnica. A desterritorialidade dos eventos - alternância das sedes; diferenciação das etapas por microrregiões, incutem a facilidade logística e financeira do grupo, afinal, a contratação de transporte, tempo despendido, dentre outros fatores, diminuem em relação a questões geográficas. Não menos importante, a aproximação dos eventos amplia consideravelmente a possibilidade de ter familiares e amigos como espectadores do momento.

Estudos sobre eventos esportivos são categóricos quando da função motivadora da prática. Se com viés competitivo ou não, os eventos possuem papel de tornar mais claro o

planejamento. Metas a curto, médio e longo prazo podem sair da abstração para algo concreto, facilitando que as crianças percebam o que fazer, como fazer e o que buscar para cada apresentação. Ademais, os eventos oferecem a vivência dos paradoxos intrínsecos ao esporte: uma série completa em um evento, pode apresentar falhas e quedas em outro. Um aparelho bem lançado e recebido em uma rotina, pode escapar às mãos em outro. Fracasso e sucesso, satisfação e incômodo, fazem parte do processo de educação no esporte. Fato reconhecido pelas gestoras e treinadoras cuja frequência dos eventos está sempre na mira da atuação.

Nesta lógica, não nos surpreendeu que as treinadoras explicitassem os eventos internos como parte do processo de formação competitiva. Festivais do clube/prefeitura, apresentações em datas comemorativas, como Dia das Mães e Dia das Crianças, são percebidos como preparatórios para competições. Nessas ocasiões, as treinadoras enfatizam que as ginastas experimentam as sensações de uma apresentação ao público e senso estético da rotina, característico dos esportes considerados de cunho artístico-estético, em que as coreografias possuem relação intrínseca com a expressividade e comunicação com quem assiste<sup>43</sup>.

Esses dados corroboram com o Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva - MDPD<sup>26,27</sup>, no qual os anos de experimentação, estágio inicial da prática, são caracterizados por alta frequência de jogos deliberados, que são aquelas atividades que envolvem as práticas físicas motivadas intrinsecamente, aumentando o prazer pela prática e promovendo satisfação. As características presentes nesses festivais de ginástica, que permitem maior expressividade, trazendo a dança e o componente artístico de forma mais livre, proporciona maior liberdade de criação e participação durante todo o processo de composição coreográfica, que corrobora o conceito do jogo deliberado<sup>13</sup>. Ou seja, esses eventos possibilitam a liberdade de experimentar diferentes movimentos e a oportunidade de improvisar e inovar, aperfeiçoando habilidades que, em situações organizadas e controladas como as competições oficiais, não seriam oportunizadas.

Além disso, no Modelo da Participação Competitiva<sup>32</sup>, sugere-se aos treinadores a promoção de competições internas como uma das suas cinco disposições fundamentais, o que

possibilita a adaptação das regras de acordo com o interesse nível e objetivos de aprendizagem que seus atletas possuem. Dessa forma, é possível ampliar o número de participações em competições e apresentações, trazendo motivação para a continuidade da prática.

Palavras como diversão, leveza, prazer pela prática e liberdade foram citadas pela maioria das treinadoras quando traziam os eventos internos, não competitivos como exemplo:

Esse festival que a gente faz, é o festival de encerramento. **Então assim, pra elas é uma coisa festiva [...] as coreografias normalmente são mais soltas, não são com aparelhos oficiais, então é tudo diferente do que elas estão acostumadas a fazer o ano todo. [...] Com certeza elas se divertem muito mais, uma coisa mais gostosa, mais prazerosa pra elas, né?** Então eu as sinto mais soltas, eu as sinto despreocupadas [...] na verdade são fases gostosas, porque realmente não tem essa cobrança, é aquela coisa de que no final vai todo mundo se abraçar e vai estar tudo certo, né? (Treinadora 2, grifo nosso).

E o final do ano é uma coisa pra ser... o final do ano é pra festejar, pra homenagear sua família [...] **é um brincar de fazer ginástica**, é se mostrar, é celebrar todo o ano e tudo o que a gente fez durante o ano, é uma celebração (Treinadora 1, grifo nosso).

Pontuamos que o olhar para os eventos para criança parece acompanhar uma iniciativa mundial. Citamos como exemplo Xcel Program, um programa de desenvolvimento da ginástica rítmica de base nos Estados Unidos da América, que traz em seus princípios uma reflexão que alerta que quando as crianças participam de esportes como futebol e beisebol, logo que iniciam a prática, “jogam o jogo”. Porém, foi perceptível que a possibilidade de se colocar em “situação de jogo”, ou seja, em apresentar a rotina da série, na GR ocorria após anos de treinamento<sup>44</sup>. Consequentemente, o programa buscou proporcionar experiências competitivas positivas para crianças, que permitissem a participação de atletas na ginástica rítmica, sem uma demanda exagerada de treinamento, de forma que conseguissem equilibrar suas atividades esportivas com as da escola e da

família. A ênfase passou a ser o desenvolvimento pessoal e, para tanto, diversos ajustes foram promovidos nas competições<sup>44</sup>. Por meio de exigências menores, retiram o foco dos resultados<sup>45</sup>, possibilitando que as estratégias metodológicas das aulas e treinos sejam também repensadas.

Repensar as exigências e modelos das competições é um processo essencial nessa mudança de paradigmas<sup>7,40,46,47</sup>, principalmente nos anos iniciais da prática da ginástica. Embora alterar regras, estruturas, equipamentos e sugerir novas formas de se competir e apresentar ginástica não seja capaz de resolver todas as questões acarretadas pelo tradicionalismo metodológico desta prática, este é um caminho que pode promover a reflexão daqueles que fazem o esporte.

Outrossim, reverter o modelo adultocêntrico para o esporte de base pode facilitar a ampliação de profissionais na atuação da GR. CORRÊA, CABO e VERDE e CARBINATTO<sup>48</sup>, ao entrevistar discentes que passaram por projetos de extensão da modalidade em uma universidade federal, revelaram que, inicialmente, havia repulsa em seguir na área, receosos pelos excessivos aspectos técnicos dos regulamentos. Para além dos aportes metodológicos vivenciados em um projeto de extensão, a resignificação dos eventos da base impulsionara uma formação de possíveis treinadores/professores que, efetivamente, atuarão no esporte.

Deste modo, compreendemos que a competição é inerente ao esporte e não tratar da mesma seria desvirtuar o sentido do fenômeno. Ademais, acreditamos que as competições esportivas devem ter um trato pedagógico, assim como o treinamento, a fim de pensar a formação da pessoa/atleta em longo prazo. Para isso, as competições devem assumir diferentes formatos no processo de formação esportiva, de acordo com a transição da carreira, passando pelas competições não formais ou festivais e percorrendo uma progressão gradual até chegar à competição formal e institucionalizada, de forma a levar os atletas a compreenderem seu real sentido e aprimorarem sua participação em todos os níveis.

Os resultados deste estudo apontam para caminhos de resignificação dos eventos competitivos nos primeiros anos de prática da ginástica rítmica. Ainda que pareçam sutis, as características detectadas nas competições analisadas mostram que é possível ter experiências esportivas em eventos que preparam para a formalidade competitiva. No entanto, há complexidade no assunto, pois as redes de conexão competição, treinamento, treinadores, gestores, familiares etc. não se findam a atuação de apenas, um deles, mas perpassam o envolvimento dos diversos setores e níveis em prol da efetiva formação de atleta em longo, ou mesmo para a vida ativa por meio do esporte, neste caso, da GR!

## Agradecimentos

Agradecemos as treinadoras e gestora pela disponibilidade em ceder a entrevista e estarmos nos eventos com acesso a todos os locais de prática. Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Ginástica da USP (GYMNUSP), pelas reflexões suscitadas nos encontros.

## Abstract

Sports Competitive education in Rhythmic Gymnastics: childhood experience.

Competition is inherent to sports and, therefore, should be part of sports development, whether focusing on the long-term athlete development or active for life. Therefore, getting into the competitive environment must focus on the practitioner, encouraging the progression of individual and group cohesion, motivation, and the diversity (and adversity) of sports experiences. In this sense, this paper discusses competitive education in rhythmic gymnastics, focusing on early-childhood events. Data triangulation between documentary research, semi-structure interviews with 11 coaches and 03 managers and non-participant observation guided the Content Analysis that revealed the adjustments in the RG events: childish imaginary as a strategy for choosing music and/or costumes; cozy party decoration; use of the floor that enables synchronous gymnasts' presentations; elements difficulties per age group; judges with an unpretentious attitude and flexibility in order of the presentation depending on the behavior of each child. Backstage suggested plays between gymnasts and teams, providing a welcoming context, conducting to a positive experience encouraging permanence in practice.

KEYWORDS: Sport; Competition; Sports Pedagogy; Qualitative research.

## Referências

1. Galatti LR, Collet C, Folle A, Côté J, Nascimento JV. Atletas de elite: aspectos relevantes na formação em longo prazo. In: Galatti LR, Scaglia A, Montagner, Paulo Cesar, Paes, Roberto Rodrigues, organizadores. Desenvolvimento de treinadores e atletas: Pedagogia do Esporte. Campinas: Editora da Unicamp; 2017. p. 211-234.
2. Mendes FG. A trajetória esportiva de atletas de categorias de formação no voleibol brasileiro [dissertação]. Florianópolis (SP): Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Educação Física; 2017.
3. Barreiros A, Côté J, Fonseca AM. Sobre o desenvolvimento do talento no desporto: um contributo dos modelos teóricos do desenvolvimento desportivo. *Rev Psicol Deporte*. 2013;22(2):489-494.
4. Côté J, Turnnidge J, Vierima M, Evans B, Galatti LR. Quadro teórico para o desenvolvimento de valores pessoais no processo dinâmico de desenvolvimento pelo esporte. In: Galatti LR, Scaglia AJ, Montagner PC, organizadores. Múltiplos cenários da prática esportiva: Pedagogia do Esporte. Campinas: Editora da Unicamp; 2017. p. 15-40.
5. Bento JO. Pedagogia do desporto: definições, conceitos e orientações. In: Tani G, Bento JO, Pedersen RDS, organizadores. Pedagogia do Desporto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006. p. 1-97.
6. Leonardo L. Um estudo das competições de handebol de jovens do estado de São Paulo: caracterização das adaptações competitivas e opiniões de treinadores e árbitros sobre suas aplicações [dissertação]. Campinas (SP): Universidade de Campinas, Faculdade de Educação Física; 2018.
7. Silva ECF, Corrêa LS, Almeida CMD, Sales GT, Carbinatto MV. Narrativas sobre competição esportiva: reflexões e perspectivas. *Pensar Prática*. 2023;26. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feff/article/view/75674/40181>.
8. Silva ECF, Corrêa LS, Almeida CMD, Sales GT, Carbinatto MV. Aspectos bibliométricos das publicações científicas brasileiras sobre competição esportiva. *Corpoconsciência*. 2023;e15176-6. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/15176/12297>.
9. Ferraz OL. O esporte, a criança e o adolescente: consensos e divergências. De Rose D, et. al, organizadores. Esporte e atividade física na infância e na adolescência. Porto Alegre: Artmed; 2009.p. 45-59.
10. Balbino HF, Galatti LR, Ferreira HB, Paes RR. Pedagogia do Esporte: significações da iniciação esportiva e da competição. Reverdito RS, Scaglia AJ, Montagner PC, organizadores. In: Pedagogia do Esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. São Paulo: Phorte; 2013. p.193-216.
11. Aires H, Gonçalves GH, Klering RT, Balbinotti CA. As competições infanto-juvenis à luz da pedagogia do esporte. *Rev Kinesis*. 2016;30(34):122-39.
12. Fraser-Thomas J, Côté J. Youth sports: Implementing findings and moving forward with research. *Athletic Insight*.

2006;8(3):12-27.

13. Côté J, Baker J, Abernethy B. Practice and play in the development of sport expertise. In: Eklund R, Tenenbaum G, organizadores. *Handbook of Sport Psychology*; 2007. p. 184-202.

14. Côté J, Hancock DJ. Evidence-based policies for youth sport programmes. *Int J Sport Policy and Politics*. 2016;8(1):51-65.

15. Milistetd M, do Nascimento JV, Silveira J, Fusverki D. Análise da organização competitiva de crianças e jovens: adaptações estruturais e funcionais. *Rev Bras Ci Esporte*. 2014;36(3):671-8.

16. Costa JC, Santos AL. Competição em categorias de base no futsal: reflexões e possibilidades. *Rev Mineira Educ Fís*. 2014;22(3):52-66.

17. Santana WC, Ribeiro DA. Idades de início de atletas de futsal de alto rendimento na prática sistemática e em competições federadas da modalidade. *Pensar Prática*. 2010;13(2):1-17.

18. Arena SS, Bohme MT. Federações esportivas e organização de competições para jovens. *Rev Bras Ci Movimento*. 2004;12(4):45-50.

19. Arena SS, Böhme MT. Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo. *Rev Paulista Educ Física*. 2000;14(2):184-95.

20. Nunomura M, Carrara PD, Tsukamoto MH. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão!. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2010;24:305-14.

21. Kumakura RS. O sistema competitivo da ginástica artística feminina (2013-2016): a competição como instrumento de educação e formação para atletas até 12 anos de idade [tese]. Porto Alegre: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2018.

22. Antualpa KF. Centros de treinamento de ginástica rítmica no Brasil: estrutura e programas [dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2011.

23. Reis-Furtado LN, Carbinatto MV. Competição esportiva na infância: análise dos regulamentos de ginástica rítmica. *Motrivivência*. 2020;32(63):1-22.

24. Balyi I, Way R, Higgs C. Long-term athlete development. *Human Kinetics*; 2013.

25. Nista-Piccolo V, Schiavon LM. A ginástica artística como proposta educacional. In: Nista-Piccolo VL, Toledo E, organizadores. *Abordagens pedagógicas do esporte*. Campinas: Papirus; 2014. p. 97-116.

26. Côté J. The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychol*. 1999;13(4):395-417.

27. Côté J, Fraser-Thomas J. Youth involvement in sport. In: Crocker P, editor. *Sport psychology: a Canadian perspective*, 2007. p. 270-298.

28. Côté J, Strachan L, Fraser-Thomas J. Participation, personal development, and performance through youth sport. In: Holt NL, organizador. *Positive youth development through sport*. Londres: Routledge; 2007. p. 48-60.

29. Côté J, Vierimaa M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. *Sci Sports*. 2014;26(1):S63-9.

30. Burton D, Gillham AD, Hammermeister J. Competitive Engineering: structural climate modifications to enhance youth athletes' competitive experience. *Int J Sports Sci Coaching*. 2011;6(2):201-17.

31. Wiersma LD. Reformation or reclassification? A proposal of a rating system for youth sport programs. *Quest*. 2005;57(4):376-91.

32. Leonardo L, Galatti LR, Scaglia AJ. Disposições preliminares sobre um modelo de participação competitiva para jovens e o papel do treinador. In: Gonzalez RH, Machado MMT, organizadores. *Pedagogia do esporte: novas tendências*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; 2017. p.301-24.

33. Thomas JR, Nelson JK, Silverman SJ. Métodos de pesquisa em atividade física. Porto Alegre: Artmed; 2012.

34. Reis-Furtado LN. Formação esportiva em longo prazo: análise de competições de ginástica rítmica nas categorias de base [tese]. São Paulo (SP): Escola de Educação Física e Esporte; 2020.

35. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.

36. Ferraz OL. A ludicidade e o ensino do desporto. In: Tani G, Bento JO, Petersen RDS, editores. *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006. p. 262-266.

37. Fédération Internationale de Gymnastique: *Gymnastic for all manual*. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/rules/#6>.

38. Oliveira MS, Bortoleto MA, Nunomura M. A relação técnico-atleta na ginástica artística feminina. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2017;31(3):639-50. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/148570/146063>.

39. Sampaio DF, Valentini NC. Iniciação esportiva em ginástica rítmica: abordagens tradicional e o clima motivacional para a maestria. *J Phys Educ*. 2015;26:1-10.

40. Menegaldo FR, Bortoleto MAC. O ensino da ginástica rítmica: em busca de novas estratégias pedagógicas. *Motrivivência*. 2017;29(52):305-18.
41. Federation Internationale de Gymnastique. Age group development and competition program for Rhythmic Gymnastics 2019. Disponível em: <http://www.gymnastics.sport/site/pages/education/agegroup-rg-manual-e.pdf>.
42. Russell K. Desafios da ginástica: uma visão de 50 anos de experiência como técnico e em ensino. In: Schiavon L, et al. *Ginástica de alto rendimento*. Várzea Paulista: Editora Fontoura; 2014. p. 25-41.
43. Best D. Art and Sport. *J Aesthetic Educ*. 1980;14(2):69-80.
44. Rhythmic Xcel Program Handbook: in support os grassroots rhythmic gymnastics; 2020. Disponível em: <https://usagym.org/PDFs/Rhythmic/xcel/handbook.pdf>.
45. Costa LC, Nascimento JV. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. *J Phys Educ*. 2004;15(2):49-56.
46. Leonardo L, Scaglia AJ, Reverdito RS. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. *Motriz*. 2009;18:236-46.
47. Mesquita I. Perspectiva construtivista da aprendizagem no ensino do jogo. In: Nascimento, JV, Ramos, V, Tavares F, organizadores. *Jogos desportivos: formação e investigação*. Florianópolis: UDESC; 2013. p. 103-31.
48. Corrêa LS, Cabo Verde EJSR, Carbinatto MV. Benefits of the university rhythmic gymnastic extension Project for undergraduate students os Physical Education and Sports. *Sci Gym J*. 2019;11(3):321-330.

ENDEREÇO

Lorena Nabanete dos Reis-Furtado  
Rua Barão de Aracati, s/n - Aldeota  
60115-081-Fortaleza - CE- Brasil  
E-mail: [lorenareis@gmail.com](mailto:lorenareis@gmail.com)  
[lorenareisfurtado@ufc.br](mailto:lorenareisfurtado@ufc.br)

Submetido: 08/09/2023

Revisado: 06/11/2023

Aceito: 06/12/2023